

Analizando multissistemicamente o verbo *ficar* na história do português paulista

(Multissystemic analysis of *ficar* in Paulista's Brazilian Portuguese history)

Ataliba Teixeira de Castilho¹, Flávia Orci Fernandes²

^{1,2}Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

ataliba@uol.com.br, flaurci@gmail.com

Abstract: The aim of this paper is to present the multissystemic approach to language, which is located on the board of cognitive-functional theory. In this paper we study the verb *ficar* according to this theory. Castilho (2007, 2009a, 2009b, 2010) proposed a new method of viewing linguistic change focusing its processes and products, organized in four blocks (i) lexicalization and lexicon, (ii) semanticization and semantics, (iii) discursivization and discourse, (iv) grammaticalization and grammar. Letters written by newspapers readers as well as personal letters from nineteenth and twentieth century's have been analyzed in order to identify syntacticization and semanticization of verb *ficar* as full verb, functional verb or auxiliary verb, in the case of gerund constructions.

Keywords: historical linguistics; multissystemic approach; verbs.

Resumo: Neste artigo, apresentamos a abordagem multissistêmica da linguagem, situada nos quadros da teoria funcionalista-cognitivista, seguida de sua aplicação no caso do verbo *ficar*. Castilho (2007, 2009a, 2009b, 2010) propôs um novo modo de encarar a mudança linguística ao focalizar seus processos e produtos, organizados em quatro blocos (i) lexicalização e léxico, (ii) semanticização e semântica, (iii) discursivização e texto, (iv) gramaticalização e gramática. Analisamos cartas de leitores e redatores e cartas pessoais dos séculos XIX e XX para identificar a sintaticização e a semanticização do verbo *ficar*, seja como pleno, seja como verbo funcional ou como auxiliar, nas construções com gerúndio.

Palavras-chave: Linguística Histórica; abordagem multissistêmica; verbos.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo principal analisar o verbo *ficar* na história do português paulista à luz da abordagem multissistêmica da língua (CASTILHO, 2007, 2009a, 2009b, 2010). Segundo esse ponto de vista, a língua é entendida como um conjunto complexo e dinâmico de processos e produtos não lineares. Isso significa dizer que não podemos derivar as categorias lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais umas das outras, como postula a literatura linguística clássica, uma vez que elas ocorrem ao mesmo tempo, num mesmo ato de fala, visto que nossa mente opera num modo simultâneo sobre o conjunto dos processos e dos produtos recolhidos em seus sistemas. (CASTILHO, 2007, p. 31-32)

Para que os objetivos aqui propostos sejam alcançados, faz-se necessário discorrer sobre os subsídios teórico-metodológicos empregados, principalmente no que se refere à mudança de verbos. Nesse sentido, apresentamos as principais questões concernentes à abordagem multissistêmica. Por fim, esperamos responder as seguintes questões: qual é o estatuto do verbo *ficar* quando seguido de gerúndio? quais subcategorias cognitivas estão representadas no verbo *ficar*? A expectativa é de que o verbo *ficar*, quando em construções

com gerúndio, seja verbo auxiliar, e represente, principalmente, a subcategoria cognitiva de *visão*.

A abordagem multissistêmica e a abordagem clássica

De modo geral, na linguística brasileira atual, estamos testemunhando a aplicação de duas epistemologias: a da ciência clássica e a dos sistemas complexos, esta ainda incipiente. A ciência clássica admite a gramaticalização como um processo gradual e unidirecional, por meio do qual elementos lexicais [+ concretos] passam, ao longo do tempo, a desempenhar funções gramaticais [+ abstratas], ou então, elementos gramaticais assumem funções ainda mais gramaticais, também [+ abstratos], numa trajetória única que não pode ser revertida. Hopper e Traugott (1993) agrupam os itens da língua em três categorias, a saber: **categoria maior**, à qual pertencem nomes e verbos plenos, **categoria mediana**, que agrupa adjetivos e advérbios, e **categoria menor**, à qual pertencem preposições, conjunções, auxiliares.

Tendo em vista os problemas advindos da conjunção, nos estudos sobre gramaticalização, de uma teoria sobre a língua que focaliza os processos, e de outra que focaliza os produtos, Castilho (2007, 2009a, 2009b, 2010) propôs a abordagem da língua entendida como um sistema complexo e dinâmico. Esse ponto de vista focaliza os processos e os produtos linguísticos, organizados em quatro blocos: (i) lexicalização e léxico, (ii) semanticização e semântica, (iii) discursivização e texto, (iv) gramaticalização e gramática. Diferentemente do que se admite na ciência clássica, em que trajetórias lineares e unidirecionais representam a passagem *léxico > gramática*, a ciência dos sistemas complexos considera os quatro subsistemas da língua autônomos uns em relação aos outros, ou seja, “qualquer expressão linguística exibe ao mesmo tempo características lexicais, discursivas, semânticas, gramaticais” (CASTILHO, 2007, p. 18). A articulação entre esses subsistemas, de acordo com o autor, provém de um “princípio sociocognitivo”, constante da ativação, desativação e reativação de propriedades. Esse princípio é cognitivo porque se fundamenta na representação de categorias e subcategorias cognitivas, como *VISÃO* (aspecto perfectivo/imperfectivo; fundo/figura; perspectiva estática/perspectiva dinâmica, etc.) e *EVENTO* (telicidade/atelicidade; semelfactividade/iteratividade; causatividade/resultatividade etc.). Ele é também social porque é baseado numa análise continuada dos turnos conversacionais. De acordo com Castilho (2007, p. 19):

Os princípios sociocognitivos gerenciam os subsistemas linguísticos, garantindo sua integração para os propósitos dos usos linguísticos, para a eficácia dos atos de fala. De acordo com esse dispositivo, o falante ativa, reativa e desativa propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais no momento da criação de seus enunciados, constituindo as expressões que pretende “pôr no ar”.

No princípio da ativação, ou da projeção pragmática, o falante tenta prever os movimentos verbais do interlocutor – se completou a intervenção, se ela está em curso, se o interlocutor vai antecipar sua entrada no curso da fala etc. Isso assegura a manutenção da conversação. Castilho (1998, 2004) acrescenta que o princípio da projeção pragmática é responsável pela ativação das propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais.

No princípio da reativação, ou da correção, o falante muda o rumo da conversação, corrigindo suas próprias intervenções (autocorreção) ou as do interlocutor (heterocorreção) para eliminar os erros de planejamento. Esse princípio é assentado na estratégia de correção pragmática.

O princípio da desativação, ou da elipse, refere-se a movimentos de abandono ou desativação de uma estratégia e conseqüente reativação de outra. Esse princípio é assentado, segundo Castilho (2007), na estratégia da despreferência, ou seja, há uma verbalização do não esperado, violando-se temporariamente o princípio de projeção pragmática, o que cria um “vazio pragmático” (MARCUSCHI, 1986), como ocorre, por exemplo, em repostas quando se responde uma pergunta com outras perguntas, quando se recusa um convite etc. Na desativação, há um movimento de abandono de propriedades em ativação, gerando silenciamento no planejamento verbal, seguido de novas ativações e reativações (CASTILHO, 2007, p. 342).

É importante enfatizar que esses princípios operam ao mesmo tempo, não sequencialmente, numa forma já prevista por Lakoff (1987). Assim, a desativação ocorre simultaneamente com a ativação, e esta com a reativação, o que compromete o princípio da unidirecionalidade, se estivermos considerando os mecanismos de produção linguística. (CASTILHO, 2007, p. 21)

Em sentido estrito, a gramaticalização pressupõe um conjunto de alterações nos vários componentes da linguagem. Heine (1993) elabora esse conjunto de alterações em termos de quatro mecanismos que envolvem perdas e ganhos de propriedades: (i) dessemantização: abstratização do significado; (ii) extensão ou generalização contextual: uso em novos contextos; (iii) descategorização: mudança nas propriedades morfossintáticas; e, (iv) erosão: mudança na substância fonética. O autor argumenta que os quatro mecanismos são interdependentes, no sentido de que a mudança semântica precede e, em grande parte, determina as demais alterações. Na abordagem multissistêmica, constata-se que em (i) a semanticização e a dessemantização ocorrem simultaneamente; em (ii), o que temos é um processo simultâneo de discursivização; apenas em (iii) e (iv) ocorre a gramaticalização, respectivamente, morfologização e fonologização. É importante ressaltar que se pode começar a análise por qualquer um dos sistemas linguísticos.

Vejamos mais de perto as características dos quatro processos postulados.

Léxico e Lexicalização

A Lexicalização é, nos dizeres de Castilho (2007, p. 343), “um processo de criação de itens lexicais a partir de um conjunto de categorias e subcategorias cognitivas prévias à enunciação e misteriosamente reunidas nesses itens”. Essas categorias podem ser OBJETO, ESPAÇO, TEMPO, VISÃO, MOVIMENTO, EVENTO, etc.

O Léxico é o conjunto de itens como resultado da Lexicalização. Sua formação pode se dar por (i) etimologia: lexicalização ocorrida já na língua-fonte; (ii) neologia: lexicalização ocorrida na língua-alvo; (iii) derivação: lexicalização ocorrida na língua-alvo, por meio de desdobramentos de itens preexistentes; (iv) empréstimo: lexicalização por contato linguístico. Os itens lexicais integram as classes de palavras; cada item lexical representa a lexicalização de determinada matriz de traços. A administração da lexicalização se dá da seguinte forma: (i) ativação (lexicalização): escolha das categorias cognitivas e dos traços semânticos das palavras; (ii) reativação (relexicalização): renovação do Léxico

por rearranjo das propriedades lexicais e das palavras representadas nas propriedades; (iii) desativação (deslexicalização): morte de palavras.

Semântica e Semanticização

A Semanticização é o processo de criação, alteração e categorização dos sentidos. Há, assim, (i) semanticização léxica, relacionada aos processos de criação de sentido das palavras e à sua categorização; (ii) semanticização composicional, relacionada aos processos metonímicos de troca de propriedades entre itens dispostos em contiguidade sintagmática; e (iii) semanticização pragmática, relacionada às “significações geradas no espaço que medeia entre os locutores e os signos linguísticos, em que surgem significados não contidos nas palavras nem nas construções gramaticais” (CASTILHO, 2007, p. 346). Nesse sentido, a Semântica é o produto resultante da semanticização.

A administração do processo de semanticização se dá da seguinte maneira: (i) a ativação semântica (semanticização) é a criação de significados; (ii) a reativação semântica (ressemanticização) é a alteração da adequação à representação dos OBJETOS e dos EVENTOS; e (iii) a desativação semântica (dessemanticização) é a alteração de sentido na qual há um silenciamento do sentido anterior e a ativação de um novo sentido.

O aspecto verbal, de interesse para este trabalho, é uma categoria semântica assim definida:

O aspecto verbal é uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou, por outras palavras, as fases que ele pode compreender. Castilho (2002, p. 83)

Castilho (2002, p. 87) organiza as noções aspectuais em quantitativa e qualitativa, a fim de chegar a uma tipologia, pois, como argumenta, “cada ocorrência verbal assume simultaneamente mais de uma face”. Excluindo os predicados estativos, o autor organiza a seguinte tipologia do aspecto, retomando em parte suas ideias de 1968:

Quadro 1 - Tipologia aspectual proposta por Castilho (2002)

Face qualitativa	Imperfectivo	Perfectivo
	Inceptivo, cursivo, terminativo	Pontual, resultativo
Face quantitativa	Semelfactivo, iterativo	

Gramática e Gramaticalização

O processo de gramaticalização se refere a alterações da estrutura fonológica das palavras (fonologização), alterações na estrutura da palavra, no radical ou nos afixos (morfologização), e alterações na estrutura da sentença, reanálise e arranjos sintagmáticos e funcionais (sintaticização). O produto da Gramaticalização é a Gramática, entendida como um sistema constituído pelas estruturas em processo de cristalização que aparecem em três subsistemas: Fonologia (estruturas fônicas), Morfologia (estrutura da palavra) e Sintaxe (estruturas sintagmáticas e funcionais da sentença).

A administração da gramaticalização se dá por: (i) ativação da gramática (gramaticalização), ou seja, construção dos sintagmas e das sentenças, ordenação dos constituintes

na cadeia da fala, concordância, entre outras questões; (ii) reativação da gramática (regramaticalização), que está relacionada à reanálise, ou seja, à mudança das fronteiras de constituintes; (iii) desativação da gramática (desgramaticalização), responsável pela categoria vazia como a ausência no núcleo silábico na Fonologia, a presença de morfema flexional zero na Morfologia e a elipse de constituintes sentenciais na Sintaxe.

No que se refere à análise da gramática das construções estudadas, neste trabalho investigamos principalmente o processo de auxiliarização, isto é, a formação de auxiliares. Para um grande número de autores, dentre os quais Heine (1993), o uso do termo *auxiliaridade* é primariamente associado a uma gama limitada de domínios nocionais, a maioria deles relacionada aos domínios de *tempo*, *aspecto* e *modalidade*. É certo que uma das grandes estratégias para lidar com nosso ambiente é a de expressar ideias mais complexas, de difícil compreensão (+ abstratas) em termos de experiências mais acessíveis imediatamente (+ concretas). Conceitos gramaticais são bastante abstratos: não referem a objetos físicos; são definidos com referência a suas funções relativas no discurso. Estudos sobre a gênese de expressões gramaticais sugerem que tais expressões não emergem do nada, antes, são quase invariavelmente derivadas de conceitos concretos; a morfologia gramatical, por exemplo, tende a se desenvolver de estruturas lexicais. Assumindo que auxiliares expressam conteúdos tais como tempo, aspecto e modalidade, sabemos que os auxiliares derivam de expressões concretas, que descrevem noções gerais, como no inglês:

- (a) Locação (*be at, stay at, live at, etc*);
- (b) Movimento (*go, come, move, pass*);
- (c) Atividade (*do, take, continue, begin, etc*);
- (d) Desejo (*want, wish*);
- (e) Postura (*sit, stand, lie*);
- (f) Relação (*be (like), be(part of), be accompanied by, be with, etc*);
- (g) Posse (*get, own, have*). (HEINE, 1993)

Estes verbos lexicais são parte de conceitos mais complexos, chamados *esquemas de evento*, e o comportamento dos auxiliares pode somente ser considerado com referência a estes esquemas (HEINE, 1993). Quando falamos sobre auxiliares, referimo-nos a uma consequência particular de um processo cognitivo em que conteúdos esquemáticos são empregados para expressão de conceitos gramaticais abstratos. O maior resultado linguístico desse processo pode ser visto na emergência da cadeia de Verbo para TAM (Tempo/Aspecto/Modo) que tem uma estrutura lexical concreta em uma extremidade e uma estrutura extremamente gramaticalizada em outra extremidade.

Discurso e Discursivização

Resta fazer um esboço sobre a Discursivização. Castilho (2006, 2007) entende Discurso tanto como conversação quanto como texto. O processo de Discursivização é o de criação do texto, ou seja, trata-se, nos dizeres de Castilho (2007, p. 348), de

um conjunto de atividades de negociação conversacional em que se envolvem o locutor e o interlocutor (ou o autor e o leitor), através das quais (i) se instanciam as pessoas do discurso e se constroem suas imagens, (ii) se organiza a interação através da elaboração

do tópico conversacional, objetivando agir sobre o outro, informar ou exteriorizar sentimentos, (iii) se organiza essa interação através dos procedimentos de correção sociopragmática, (iv) se abandona o ritmo em curso através de digressões e parênteses, que passam a gerar outros tópicos discursivos, e (v) se estabelece a coesão textual por meio de expedientes vários.

O produto da discursivização é o texto e sua ordenação em gêneros discursivos. Para Castilho (2007), o texto é resultado de uma série de categorias processuais tais como (i) a organização das unidades discursivas, (ii) a elaboração do quadro tópico; (iii) a reformulação do quadro tópico por meio de repetição, correção e parafraseamento; (iv) a descontinuação tópica por meio de hesitações, interrupções e parentetizações; e (v) a conexão textual por meio de marcadores discursivos e conectivos textuais.

A administração do processo de discursivização ocorre da seguinte forma: (i) ativação do Discurso (discursivização), via hierarquização dos tópicos, construção das unidades discursivas e conexão dessas unidades; (ii) reativação do Discurso (rediscursivização), via repetição, correção e parafraseamento dos enunciados; e (iii) desativação do Discurso (desdiscursivização), quando ocorre o abandono da hierarquia tópica, ativando-se ao mesmo tempo novos tópicos, via parênteses e digressões.

Ainda no domínio da discursivização, é importante a abordagem das Tradições Discursivas. O conceito de Tradição Discursiva (TD) foi desenvolvido, inicialmente, no âmbito da Linguística Românica sob influência dos trabalhos de Eugênio Coseriu, e posteriormente, desenvolvido e aprimorado por Johannes Kabatek e colaboradores. Segundo Kabatek (2006), o estatuto da mudança linguística deve prever as relações entre Tradição Discursiva e evolução das línguas, uma vez que as mudanças linguísticas não acontecem em todos os tipos de texto, mas em certas Tradições Discursivas, que são responsáveis por motivar o uso de meios linguísticos adequados. Segue abaixo a definição do conceito da TD de acordo com Kabatek (2006, p. 7):

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto, é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de comunicação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos.

De acordo com esse ponto de vista, os estudos de mudança linguística devem seguir duas premissas: (a) nas investigações diacrônicas de itens da língua, além da sucessão de evolução no tempo, convém diferenciar a diversidade textual real, a base de uma interpretação acertada da evolução linguística; e, (b) para a visão de conjunto da história da língua, convém considerar um “corpus diacrônico multidimensional” que, a depender dos objetivos da investigação, pode consistir em uma amostra de textos de uma única TD ou em uma amostra que mistura textos de diferentes TDs.

Metodologia de pesquisa

No presente estudo foram utilizadas amostras de língua escrita dos séculos XIX e XX, coletadas no *corpus* mínimo do Projeto Para a História do Português Paulista (PHPP).¹ Trata-se de dados coletados em cartas de leitores e redatores de jornais paulistas e cartas pessoais.

Os critérios empregados para a análise dos dados se referem a fatores relacionados aos processos semânticos e sintáticos que constituem os produtos ativados, reativados ou desativados em cada tipo de função desempenhada pelo verbo. Destinamos especial atenção às perífrases formadas por gerúndio.

Os critérios sintáticos empregados para identificar o verbo auxiliar são, basicamente, pautados em Heine (1993), Lobato (1975), Longo (1990), Longo e Campos (2002) e Ilari e Basso (2008), os quais estão elencados abaixo:

- i. Impossibilidade de desdobramento da oração: como os auxiliares não constituem, por si sós, núcleos de sintagmas verbais, formando com a base um grupo indissociável, não há auxiliaridade se for possível desmembrar o grupo em dois núcleos de orações;
- ii. Detematização: o verbo auxiliar não atribui funções semânticas aos elementos nocionais com os quais se combina;
- iii. Sujeito único: a perífrase com auxiliar comporta apenas um sujeito, cujos traços e papel temático são determinados pelo verbo principal (auxiliado);
- iv. Incidência de negação e de circunstâncias espaciais sobre a perífrase: uma sequência em auxiliação não é separada por um negativizador ou por circunstâncias espaciais, pois a negação incide sobre o grupo verbal;
- v. Oposição a uma forma simples correspondente: perífrases com auxiliares se opõem a uma forma verbal simples;
- vi. Irreversibilidade: a posição do auxiliar e do auxiliado é fixa. Portanto, trata-se de uma construção irreversível.

Os critérios semânticos, neste trabalho, relacionam-se à identificação da subcategoria cognitiva codificada por cada tipo de verbo segundo Castilho (2010). Analisamos a tipologia aspectual proposta por Castilho (2002) para identificação da classe aspectual correspondente a cada tipo de perífrase, no caso das construções com gerúndio.

Semanticização e sintaticização do verbo *ficar*

Os verbos auxiliares não atribuem papel temático a seus argumentos, não expressam ações, fatos, fenômenos, estados. Nesses casos, o verbo passa a funcionar como marcador de categorias verbais, e deixa de desempenhar papel de verbo pleno. Esse fenômeno pode ser explicado pelo processo de gramaticalização, no qual ocorrem alterações nas palavras, que mudam de estatuto, ou seja, passam de um uso mais lexical a um uso mais gramatical. Postula-se que no fenômeno de gramaticalização de verbos ocorre uma transposição de

¹ Disponível em <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>

verbo pleno para verbo funcional e, posteriormente, para verbo auxiliar, representada pela seguinte escala:

(01) verbo pleno > verbo funcional > verbo auxiliar

É importante ressaltar que a escala reproduzida em (01) não designa uma sequência obrigatória de um percurso, mas apenas indica pontos possíveis pelos quais pode passar um verbo em processo de auxiliarização.

A seguir, passamos a apresentar as características de cada fase recolhida na escala (01), enfatizando suas propriedades semânticas e sintáticas.

De acordo com Castilho (2010, p. 397), “*verbos plenos* são os que funcionam como núcleos sentenciais, selecionando argumentos e atribuindo-lhes papel temático”. O verbo *ficar* pleno, enquanto núcleo do predicado, carrega interpretação semântica de estatividade e continuidade espaço-temporal, uma vez que designa “permanecer num lugar, continuar a estar num lugar”. *Ficar* advém etimologicamente do latim *figicare*, (*fixar*). Seu uso está documentado a partir do século XIII. Esse sentido se manteve no português.

Na mudança de verbo pleno a funcional, ocorre, então, a inserção de outros tipos de estruturas no lugar do que seria um complemento verbal. Em seguida aos verbos plenos, de acordo com Castilho (2010, p. 397), temos os verbos funcionais, que

são os que transferem o papel de estruturação argumental da sentença aos constituintes à sua direita, geralmente sintagmas nominais, sintagmas adjetivais, sintagmas adverbiais e sintagmas preposicionais, reduzindo-se a portadores de marcas morfológicas e especializando-se na constituição de sentenças apresentacionais, atributivas e equativas [...].

O autor se refere, nesse trecho, ao uso de um verbo seguido de uma minissentença. Nesse caso o verbo *ficar* passaria a carregar informações semânticas mais abstratas do que quando desempenhando papel de verbo pleno, além de deixar de operar como núcleo do predicado.

Hipotetiza-se que as estruturas formadas por verbos auxiliares seguidas de verbo pleno em forma nominal emergem a partir de estruturas formadas por verbo funcional seguido de sintagma nominal, sintagma adjetival ou sintagma adverbial, resultando em verbo auxiliar quando seguido de infinitivo, particípio ou gerúndio, este último foco de nosso trabalho.

Para Castilho (2010, p. 397),

Verbos auxiliares são os que desempenham papel assemelhado ao dos verbos funcionais, com a diferença que à sua direita ocorrem verbos plenos em forma nominal, aos quais os auxiliares atribuem categorias de pessoa e número, especializando-se como indicadores de aspecto, tempo, voz e modo.

As estruturas perifrásticas formadas por verbos auxiliares são caracterizadas principalmente pela impossibilidade de desdobramento da oração em duas, uma vez que o verbo auxiliar (V1) deixa de ser o núcleo do predicado e, conseqüentemente, deixa de atribuir caso e papel temático, formando com V2 (forma nominal do verbo pleno) um

conjunto único. Isso faz com que operadores de tempo e de negação, por exemplo, tomem por escopo todo o conjunto verbal. Por vezes, aparecem casos ambíguos, em que V1 ainda não está totalmente gramaticalizado. Nesse caso provavelmente há algum tipo de material interveniente entre V1 e V2, como advérbios de tempo ou espaço, que possibilitam identificar V1 como pleno.

No gráfico 1, abaixo, observa-se o total geral das ocorrências coletadas no *corpus*. Depreende-se desse gráfico que foram encontradas, no total, 91 ocorrências com o verbo *ficar*. Do total das construções, 61 (67%) são constituídas por *ficar* como verbo funcional, 20 (22%) por *ficar* como verbo pleno, e apenas 10 (11%) ocorrências são constituídas por verbo auxiliar. No que se refere a cada século, há 65 ocorrências no século XIX (71,5%) e 26 (28,5%) no século XX.

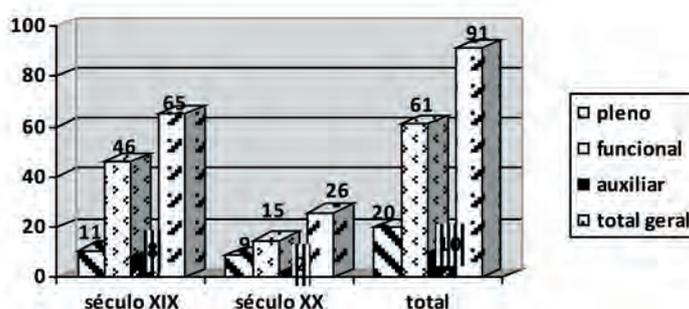


Gráfico 1 - Total das ocorrências com o verbo *ficar* em dados paulistas de escrita dos séculos XIX e XX

É importante ressaltar o decréscimo da quantidade de ocorrências do verbo *ficar* do século XIX para o século XX. Esse resultado indica a hipótese de que o uso do verbo *ficar* especializou-se na modalidade de língua falada, fato esse observado em dados do século XXI, em que há alta incidência de seu uso (FERNANDES, 2010). Essa é uma hipótese a ser investigada, juntamente com a análise de demais tipos de texto, fator que parece preponderante. Apesar disso, o decréscimo não era esperado, tendo em vista que o uso do verbo *ficar* parece ser produtivo na língua portuguesa. Ademais, tomamos o devido cuidado de equilibrar a quantidade de textos analisados no que se refere a cada gênero e a cada século, evitando o enviesamento dos dados.

No que se refere a cada tipo de verbo, nos tipos de texto coletados, depreende-se que ocorre ativação das propriedades funcionais do verbo *ficar* em ambos os séculos, resguardando-se as devidas proporções, uma vez que a porcentagem encontrada dos verbos auxiliares e plenos parece ter mantido uma tendência de regularidade. Esse resultado pode ser verificado na tabela abaixo, em que cada tipo de verbo é classificado segundo o tipo de texto.

		Século XIX	Século XX	Total	Total
Cartas de Leitores e Redatores	Verbo pleno	8	1	9	56
	Verbo funcional	37	2	39	
	Verbo auxiliar	8	0	8	
Cartas particulares	Verbo pleno	3	8	11	35
	Verbo funcional	9	13	22	
	Verbo auxiliar	0	2	2	
Total		65	26	91	91

Tabela 1 - Total de ocorrências do verbo ficar em cartas de leitores e redatores e em cartas particulares dos séculos XIX e XX no português paulista

Do total de 91 ocorrências, há 56 (61,5%) ocorrências do verbo *ficar* em cartas de leitores e redatores e 35 (38,5%) em cartas particulares. Ressaltamos o fato de que a quantidade sobressalente em cada século é diferente em cada tipo de texto. Isso significa que, no século XIX, os resultados mostram que há maior quantidade de dados em cartas de leitores e redatores (53 de 65, ou seja, 81,5%) e que, no século XX, há maior quantidade de dados em cartas particulares (23 de 26, ou seja, 88,5%). Isso corrobora o fato de que o tipo de texto é preponderante para a análise da mudança linguística. A seguir, verificamos o comportamento de cada tipo de verbo segundo seus aspectos semânticos e sintáticos.

As ocorrências exemplificadas em (02), (03), (04) e (05) representam casos em que *ficar* tem a função de verbo pleno:

- (02) A ‘Final’ é a que tem + novidades, só que é + caro umas 500 vezes que as outras lojas. Eu conheço o pessoal todo que vai lá e **eu sempre fico na “Bizarre”** onde o pessoal é + amigo e legal. (CPP, XX, 16)
- (03) **Por hoje aqui fico.** [espaço] Sigo amanhã *para Santa Clara*; Nhanhã fica para o casamento da Elisa Tobias, vae com Mamã a 16. Adeus. Escreva-me. Saudades a Sophia . (CPWL, XIX, 015)
- (04) **Bem, fico por aqui** e te agradeço de ♥ por toda paciência e “dedication”, ok? (CPP, XX, 19)
- (05) **Bem, eu fico por aqui** e conto com a sua participação e <,> o seu apoio e a sua amizade que é super importante, ok? (CPP, XX, 8)

Nos exemplos (02) a (05), *ficar* seleciona como argumento externo uma expressão marcada pelos traços [humano, animado], e como argumento interno oblíquo uma expressão locativa. Trata-se de dados prototípicos do funcionamento desse tipo de verbo pleno. Nos casos exemplificados, os locativos (“na Bizarre” e “aqui”) têm escopo sobre o verbo *ficar*, corroborando a noção de permanência. É interessante notar que nos dados (03), (04) e (05) a noção de *ficar* é menos concreta do que em (01), tendo em vista que, naqueles casos, trata-se de um locativo que se refere à carta em questão, e não necessariamente ao local em que o locutor se encontra. Esse tipo de ocorrência é comum em cartas pessoais, cujas características resumem-se à informalidade, a qual depende do grau de intimidade entre remetente e destinatário. No caso das cartas analisadas, trata-se de pessoas com grau de intimidade elevado. Isso significa dizer que o uso de *ficar* na despedida de cartas pessoais configura uma tradição discursiva, principalmente no século XX.

Passamos à observação dos casos exemplificados abaixo:

- (06) *Senhor Redactor.* – O anno proximo passado | tive a honra de lhe dirigir uma cartinha, | na qual perguntava como é que a Nação | dava cento e cincoenta mil reis, a um | *Senhor Proffessor* para

ensinar Grammatica | Latina aos meninos do Côro, quando es- | te não dava Aula: julguei que mi-
nha tão | justa quão razoavel advertencia produzi- | ria todo o effeito desejado; porém hoje | soube
que continuava no mesmo deslei- | xo, dando Aula de 15, em 15 dias; outras | vezes concedendo
ainda maiores ferias, de | maneira que o pequeno estudo (que ao | meu ver, não é nem-um) dos
meninos | com umas tão longas, e continuadas ferias, | **ficão no mesmo estado** como que nunca
es- | tudassem, e no entanto a soffredora Na- | ção concorrendo com os 150:000 réis annuaes | sem
que d’elles provenha-lhe o menor bem. | (CLR, XIX, 393)

- (07) *Senhor* redactor. – Passei, hoje, por casa do *senhor* Miguel, | para comprar um pouco de vinagre
para pôr devinha- | dalho uns bagres, agora para a vespera de Santo Anto- | nio, e vi um grande
deposito de fogos. **Fiquei admi- | rado**, porque não sei quem me disse que isso era pro- | hibido
por uma postura da nossa caimbra, salvo aonde | ella marcasse; mas depois me disseram que isso
cahiu | em exercicios findos. || Fiquei meio ressabiada, e vou perguntar ao *senhor* Tho- | mas; já
que elle agora anda meio ingrato, e com seus | amores novos despresou os velhos. | Sua veneradora
|| MIQUELINA DO AMOR DIVINO. (CLR, XIX, 455)

No que se refere ao uso de *ficar* como verbo funcional, nas ocorrências exemplificadas em (06) e (07) tem-se uma estrutura atributiva codificada por *ficar* seguido de minissentenças (= sintagmas preposicional e adjetival atributivos). Esse tipo de estrutura foi identificada quase que exclusivamente em cartas de leitores e redatores, principalmente do século XIX. Houve, portanto, a criação de outro tipo de estrutura no lugar do complemento verbal esperado. Nesse caso, *ficar* passa a funcionar como um verbo funcional atributivo. Ressaltamos que não há grande diversidade entre as formas que constituem as construções com verbo funcional.

Os exemplos abaixo, referentes aos dados (08) a (12), são casos em que o verbo *ficar* atua como verbo auxiliar, via ativação dos processos de sintaticização e semanticização.

- (08) Nas suas folhas argumente em meu beneficio, e **eu | fico rezando** por sua alma ao *Senhor São João*
no meu ro- | sario, que me deixou minha avó. || Se lá apparecer a nha Amalia voçuncê dê-lhe lem- |
branças minhas. || Uma sua serva. || *Nicota Gertrudes*. (CLR, XIX, 470)
- (09) Por este meio novo e desu- | sado dou uma alta idea de minha jerar- | chia, e **esta gente fica pensan-**
do, que as | despedidas d’um Presidente são materia | de interesse publico, e que a ninguem mais
| compete esta prerogativa. Mas o peor foi | que os Paulistas com toda a sua rusticidade | já forão
honrados com uma Proclamação de | despedida geral da Propria Pessoa de *Sua Majestade* | o IM-
PERADOR, e por isso talvez os *poucos* | *eleitos* não fizessem todo o aprêço, | que *Sua Excelência*
esperava, das suas despedidas por | annuncio. || (CLR, XIX, 391)
- (10) Desejo muito uma comarca servida pela
estrada de ferro.
Lhe ficarei devendo
esse grande e impor-
tante obsequio e sempre
lhe serei muito grato.
Conto só com a ||
sua protecção.
WL, 2 de novembro de 1907 (CPWL, XX, 001)
- (11) ~~Feria sido~~ Mais acertado < teria sido, sen duvida > pagar o mi- | lhão e ~~oitocentos~~ <seiscentos>
mil libras vencidas, que | antecipar um £ 1.800.000 a <para> qual onde ~~tinha~~ | diante de si algum
major para se tornar | [axogivel?]. ~~Disso não teve você~~. Felizmente | são solidos os recursos de
São Paulo, e largo | é o seu credito, de modo que com severidade | ~~pode~~ <poude> você tambem dar
prompto e condigna || solução a essa caso administrativo. | **Fico a esperar** as cousas da “Soroca-
bana | Railway” por você promettidas para | regalar os meus ocios em Poços de Caldas | WL 6 de
setembro de 19?? (CPWL, XX, 002)
- (12) Aos Nossos Amigos e ao Publico em Geral || Pela dacta do nosso primeiro reclame, notarão todos,
que o Holophóte orgam da nossa caza, devia ter sahido no dia 1. de Janeiro — de facto, assim

seria, se não fora a circunstancia imprevista de ter quebrado uma peça de nossa principal machina, obstando assim que nossos amigos dessem bôas gargalhadas no dia 1. de Janeiro, e **ficassem sabendo** o que temos para 1894 — Resolvemos pois, — dar hoje 6 de Janeiro, e dia de Reis, o nosso Holophôte — pedimos a todos maxima attenção para o cazo. (CLR, XIX, 529)

Em (08) e (09), o verbo *ficar* funciona como auxiliar aspectual imperfectivo cursivo, ou seja, trata-se de uma subcategoria cognitiva de VISÃO. O valor aspectual resulta da composicionalidade de V1 + V2. Nesse sentido, a combinação de V1 estativo-durativo com os V2 *rezar* e *pensar*, também durativos, resulta na codificação do imperfectivo. No caso do dado em (08), deparamo-nos com uma construção que pode ser relacionada àquelas formadas por um verbo pleno, uma vez que está inserida no mesmo contexto de desfecho da carta e, ainda, pode-se pressupor a presença de um locativo (aqui). Os critérios semânticos apontam que do total de 10 construções com verbo auxiliar *ficar*, 9 (90%) constituem perífrases de aspecto imperfectivo cursivo, o que corrobora, em partes, a hipótese levantada por Castilho (2002) de que o verbo *ficar*, quando seguido de uma forma no gerúndio, codifica esse aspecto. A ocorrência exemplificada em (11) é um dado interessante, que parece ser resquício do uso perifrástico do português europeu, cuja constituição ocorre com um verbo auxiliar seguido de infinitivo preposicionado, e não com gerúndio, como é o caso prototípico do português brasileiro. Nesse sentido, a perífrase também codifica o aspecto imperfectivo cursivo, mas não é formada por gerúndio. A única ocorrência que não codifica o aspecto imperfectivo cursivo está exemplificada em (12), caso em que V2 é um verbo atético. Sendo assim, sobressai a pontualidade do evento e, portanto, trata-se do aspecto perfectivo pontual.

Verificamos que os dados preenchem todas as condições sintáticas propostas para a caracterização de verbo auxiliar. Salientamos que V1 e V2 formam um conjunto inseparável, caracterizado por sujeito único e impossibilidade de desdobramento em duas orações diferentes, características prototípicas de uma perífrase verbal. Ainda, ocorreu, em todos os casos, detematização, incidência de negação e circunstantes espaciais sobre a perífrase, irreversibilidade e identificação de uma forma simples correspondente. Essas características podem ser exemplificadas, também, pelo dado (10).

Considerações finais

Na presente pesquisa, realizamos o estudo de construções formadas pelo verbo *ficar* sob a perspectiva da Abordagem Multissistêmica e à luz das Tradições Discursivas, destacando, nos séculos XIX e XX, as diferentes funções da forma verbal. A coleta das ocorrências selecionadas para a análise foi feita em cartas de leitores e redatores de jornais e em cartas particulares do português paulista, e o aparato metodológico constituiu-se de uma investigação quantitativa e qualitativa.

A exposição da teoria que aborda esses tipos de construções permitiu, desde o início do trabalho, delinear sua posição no âmbito dos estudos da semântica e da sintaxe, por se tratarem de perífrases aspectuais. Por outro lado, também foram levados em conta aspectos do léxico e do discurso para delinear a mudança. Os trabalhos de Castilho (1968, 2002) foram os que mais contribuíram para o entendimento da categoria *aspecto*. Para a abordagem da sintaticização, encontramos respaldo principalmente nos teóricos que discorrem sobre a auxiliarização, como Heine (1993), Lobato (1975), Longo (1990),

Longo e Campos (2002) e Ilari e Basso (2008). Essas observações permitiram hipotetizar que as perífrases formadas por V1 (auxiliar) seguido de V2 (gerúndio) estariam mais gramaticalizadas com relação aos outros tipos de construções.

Podemos afirmar que, nos dados analisados o verbo *ficar*, quando acompanhado por gerúndio, ativa as propriedades de verbo auxiliar e da subcategoria cognitiva *visão*, na medida em que funciona como auxiliar aspectual. Além disso, os dados analisados são exemplos claros de que a língua é um sistema complexo na medida em que identificamos que as categorias linguísticas podem ocorrer ao mesmo tempo, num mesmo ato de fala, como afirma Castilho (2007, p. 31-32).

REFERÊNCIAS

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998; 6a. ed., 2004.

_____. Unidirectionality or multidirectionality? *Revista do GEL*, n. 1, p. 35-48, 2004.

_____. Análise multissistêmica da sentença matriz. In: OLIVEIRA E SILVA, V. L. M.; NASCIMENTO, M. (Orgs.). *Sistemas adaptativos complexos*. Língua(gem) e aprendizagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. p. 35-60.

_____. An approach to language as a complex system. . In: CASTILHO, A. T. de (Org.). *História do Português Paulista*. Série Estudos, vol. I. Campinas: Setor de Publicações do Instituto de Estudos da Linguagem, 2009. p. 119-136. .

_____. Abordagem da língua como um sistema complexo: contribuições para uma nova Linguística Histórica. In: CASTILHO, A.T. de; TORRES DE MORAIS, M. A. C.; LOPES, R.E.V.; CYRINO, S.M.L. (Orgs.). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. Campinas: Pontes/Fapesp, 2007. p. 329-360.

_____. Proposta funcionalista de mudança linguística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na constituição das línguas. In: LOBO, T. (Org.) *Para a História do Português Brasileiro VI*, Salvador: EDUFBA, 2006. p. 223-296.

_____. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, M.B.; RODRIGUES, A.C. S. (Orgs.) *Gramática do Português Falado*, v. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 83-121.

_____. A gramaticalização. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 19, p. 25-64, 1997.

_____. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968.

FERNANDES, F. O. *Construções com os verbos andar, continuar, ficar e viver seguidos de gerúndio: um estudo na interface Sociolinguística/Gramaticalização*. Relatório de Iniciação Científica. Fapesp/Departamento de Estudos Linguísticos e Literários. 2010. UNESP, São José do Rio Preto.

HEINE, B. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1993.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2nd ed. Cambridge: CUP, 2004.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M.; CASTILHO, A. T. (Orgs.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, v. II. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 1-141.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (Orgs.) *Para a história do português brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2006. tomo II, p. 505-530.

LOBATO, L. M. P. Os Verbos Auxiliares em Português Contemporâneo – Critérios de Auxiliaridade. In: _____. *Análises Linguísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 27-91.

LONGO, B. N. de O. *A auxiliaridade e a expressão do tempo em português*. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1990.

LONGO, B. N. O.; CAMPOS, O. S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.). *Gramática do Português Falado*, v. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 445-497.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.